

**ONDE
NASCERU**
Hospital de Base,
na Asa Sul

**ORIGEM
FAMILIAR:**
Pai mineiro e
mãe cearense

**LEMBRANÇA
DE INFÂNCIA:**
"A primeira visão
da Esplanada dos
Ministérios"

**O QUE GOSTA
EM BRASÍLIA:**
Da Catedral. "É
uma coisa linda.
Tem uma
arquitetura bela e
inspiradora"

ALMA artesã

Ainda criança, Alysson disse para que veio ao mundo: fabricava seus próprios brinquedos com o mesmo fascínio com que olha a cidade onde nasceu; hoje ele é um dos 10 mil artistas populares da Torre de TV

LÍGIA MARIA LOPES

DA EQUIPE DO CORREIO

Escoltares gigantescas de mármore, concreto, vidro, aço expostas em praça pública como se a cidade fosse um canteiro de obras colossais da arquitetura contemporânea e futurista de Oscar Niemeyer e outros arquitetos. É assim que o artesão Alysson Alencar dos Santos, 30 anos, enxerga os monumentos de Brasília. Imaginação fértil, mãos hábeis, sucata e ousadia são as matérias-primas do artista, que vê arte e beleza naquilo que ninguém mais percebe. Dar forma ao que não tem forma é a grande habilidade desse brasiliense nascido no Hospital de Base do Distrito Federal depois de um parto difícil no dia 6 de agosto de 1976. O combate com o mundo, ainda nos primeiros segundos de vida, prenunciava a força e a coragem de uma pessoa que faria seu caminho sozinha, imagina Alysson.

O talento revelou-se cedo. Foi durante uma passagem pela casa do bisavô, no interior de Minas Gerais, onde não havia crianças, tampouco brinquedos. O pequeno Alysson, então, catou algumas mangas verdes no quintal, pediu palitos para a mãe e construiu um curral encantador, que arrancou suspiros de surpresa de quem o viu naquele momento. "Lembro-me bem das pessoas espantadas, comentando a minha imaginação", orgulha-se Alysson, que sempre gostou de fabricar os próprios brinquedos.

Mas a maneira diferenciada de olhar o mundo trouxe pro-

Daniel Ferreira/CB



ALYSSON ALENCAR: SUCATA RECOLHIDA NA CIDADE E OUSADIA SÃO INGREDIENTES DE SEU TRABALHO

bleias. Alysson não se adaptou à escola, não tinha paciência para ficar em sala de aula nem gostava de ser obrigado a cumprir tarefas. A inquietação rendeu-lhe um lugar na primeira fila, logo em frente à professora, que o vigiava; sentindo-se regulado e escravo da instituição, resolveu abandonar a escola no fim do primeiro grau.

A adolescência chegou e a rebeldia aumentou. O jovem começou a dar trabalho para os pais. Ganhou fama de rebelde numa cidade com ares de vilarejo: Brazlândia. O dinheiro não entrava, pois ninguém queria lhe dar emprego. Foi quando pensou em viver de artesanato.

Tudo começou com a modelagem de peças entalhadas na madeira; e "até pintou uma grana", diz ele. Mas, quando viu uma escultura de aço, comprada por um amigo — um malabarista que pedalava um monociclo —, a emoção traduzida nos detalhes que o escultor havia aplicado ao objeto falou mais alto. A partir daquele dia, Alysson trabalhou com afinco durante seis meses para conseguir dinheiro e comprar sua primeira máquina de solda. Ele queria fazer peças como aquela. E a conquista do sonho veio em 1999:

Inspiração

A sucatá da primeira obra — um helicóptero — foi encontrada por acaso no lixo da oficina de carros da Administração de Brazlândia. Eram três pedaços de motor, nos quais ele viu

partes de uma aeronave. Recolheu os objetos, levou-os para casa e começou a trabalhar. Depois daquele dia outros tantos foram gastos na lida com a solda, que nunca tinha manuseado. Mas aprendeu a usá-la, na marra. "Apanhei muito. Tinha muitas dores nos olhos, passei muitas noites em claro, porque eles queimavam", lembra Alysson, que é um dos 10 mil artesãos que trabalham no DF.

Com a prática, as dores sumiram. É uma nova habilidade surgiu, revelada em trabalhos feitos com pregos, porcas, parafusos, placas de metal. As esculturas de Alysson retratam situações do cotidiano, como a

ida ao dentista ou um passeio de skate. Foi um novo começo para o artesão, que já vende suas peças na Torre de Televisão. Do centro de Brasília, o trabalho do artista foi exportado para o mundo. Um gaúcho empreendedor, dono de churrascaria nos Estados Unidos, encomendou, certa vez, 70 esculturas de ferro, que lhe renderam R\$1 mil de lucro. Além disso, o artesão vende aos turistas que circulam na Torre. Chineses, japones, americanos, franceses. É para eles que artista tem feito peças cada vez mais detalhadas e menores, sempre em busca de impressionar o visitante, que leva, na bagagem, uma lembrança da cidade projetada.

Com a lucidez de quem enxerga a essência das coisas, interpreta Brasília como "uma cidade espacial", mas humana: "Brasília é fruto da ousadia de JK (Juscelino Kubitschek), que criou a oportunidade de meus pais se encontrarem aqui no cerrado, como tantos outros casais. Sem JK, minha família não existiria. Tenho muito orgulho de ser fruto dessa história".

Se o passado alegra Alysson, o presente o deslumbra mais ainda e a capital o encanta com seu traçado arquitetônico de aspecto monumental, a beleza do cerrado, na seca e no inverno, sua luz cintilante, o brilho do Planalto Central como símbolo de esperança. "Tudo aqui é maravilhoso", conclui com o sorriso infantil de quem vê a vida também com o coração.